

▷ Ana Bento (1),
Filomena Parada (2) &
Joaquim Luís Coimbra (3)

(1) Psicóloga Clínica. Conselheira,
Cidade das Profissões.

(2) Investigadora, Centro de
Desenvolvimento Vocacional e de
Aprendizagem ao Longo da Vida,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto.

(3) Professor Associado. Coordena-
dor, Centro de Desenvolvimento
Vocacional e de Aprendizagem ao
Longo da Vida, Faculdade de Psico-
logia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto.

Cidade das Profissões: (Re) Pensar as práticas de orientação vocacional à luz de uma experiência formativa

Resumo

Hoje em dia, os profissionais de orientação vocacional vêem-se confrontados com a necessidade de reflectir e de (re)definir o seu papel e prática profissional numa conjuntura marcada pela incerteza e por profundas e intrincadas mudanças. Tal desafio afigura-se ainda mais complexo quando o psicólogo inicia a sua actividade profissional sem ter tido qualquer preparação prévia nesse domínio. É, pois, objectivo do presente texto reflectir criticamente sobre a intervenção que venho desenvolvendo no âmbito da Cidade das Profissões (CdP), um projecto inovador de apoio ao emprego, à qualificação dos recursos humanos e à promoção da acção empreendedora, que assume como objectivo Informar, Aconselhar, Promover e Capacitar. Concretamente, procurar-se-á analisar as diversas vertentes de intervenção das Conselheiras ao serviço da CdP, a partir do olhar de alguém que é um(a) "novato(a)", tanto nesta área de intervenção como no mundo do trabalho.

Introdução

Perante a dialéctica contemporânea de uma conjuntura socioeconómica e política imbuída de processos céleres de transformação do mundo, nomeadamente no âmbito do emprego e da educação, pautada pela individualização crescente dos percursos de vida, logo, também profissionais – reflexo da mobilidade e multiplicidade laboral por períodos alternados de formação, actividade e precariedade laboral – e pela incerteza, começam a cair por terra algumas das visões mais tradicionais de trabalho.

Assistimos, nos dias que correm, a uma autêntica dança das cadeiras. As regras são elucidativas: a rapidez e a flexibilidade são o passe livre do jogador para se manter em jogo. A mensagem simples e clara, o jogador deve, a todo o custo, assegurar a sua oportunidade pois quem fica de fora é, de imediato, excluído.

Com a passagem do tempo, este jogo tem assumido contornos cada vez mais complexos e fugidios, do gato e do rato, ainda mais porque se tem verificado uma re-

dução gradual e acentuada do número de “cadeiras” e, conseqüentemente, uma restrição no leque de oportunidades.

A situação actual conduz inevitavelmente a um sentimento de insegurança e de tensão geral, passível de se observar tanto no adolescente, que se vê confrontado com a escolha entre um percurso formativo ou educativo, como no jovem recém-licenciado à procura do primeiro emprego ou, ainda, no adulto. À partida, o último, tanto se pode confrontar com a necessidade de avançar para a (re)construção de uma etapa similar ou distinta, da anterior, da sua carreira profissional. Assim, se, por um lado, as suas principais preocupações se podem também relacionar com a (re)definição de escolhas ou investimentos no domínio formativo ou profissional, por outro, as prioridades por si evidenciadas podem ser um pouco distintas dos seus congéneres mais novos, centrando-se mais em aspectos relativos à manutenção e/ou consolidação de uma posição entretanto adquirida no mercado de trabalho.

Foi neste contexto de sonogação das bases tradicionais de apoio ao nível do planeamento e gestão de carreira que enquanto recém-licenciada do ramo de Psicologia Clínica alinhei com muitos outros na disputa por um “lugar ao sol”. Num mundo onde já não faz sentido falar de uma relação entre a profissão exercida e o curso ou formação escolhida e terminada, percorro um caminho diferente do esperado ao integrar o projecto **Cidade das Profissões (CdP)**.

(a) O Projecto a Cidade das Profissões

A **CdP** é um projecto inovador que presta apoio ao emprego, à qualificação dos recursos humanos e à promoção da acção empreendedora. Nasceu enquanto subprojecto no âmbito do **Porto Digital** e enquadra-se numa missão mais ampla, o de contribuir para a evolução de uma sociedade de Informação e do Conhecimento ao alcance de todos.

O projecto **CdP** assenta numa vasta parceria entre diversas entidades públicas e privadas. Os seus principais promotores e parceiros são a Câmara Municipal do Porto, a Universidade do Porto, a Associação Empresarial de Portugal e o Metro do Porto sendo que se insere na rede internacional *Réseau Cités des Métiers*, criada em França na década de 90.

No processo de adaptação às muitas e rápidas alterações dos perfis de competências e dos modelos de relações laborais, a **CdP** tem como objectivo Informar, Aconselhar, Promover e Capacitar. Por base da prestação de serviços está o apoio gratuito e especializado por parte de Conselheiros a estudantes do ensino básico ao ensino superior, a recém-licenciados, a pessoas à procura do primeiro emprego, a trabalhadores desempregados de curta, média/longa duração em busca de emprego ou de requalificação, a trabalhadores activos em busca de desenvolvimento, à promoção de competências e de novas empresas, resultantes das iniciativas de empreendedorismo.

O apoio prestado estrutura-se em quatro formas de actuação: a) atendimento individual e personalizado em cinco pólos de atendimento – (i) profissões, (ii) formação, (iii) estágios, (iv) reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC) e (v) empreendedorismo; b) espaço multimédia de auto-informação; c) sessões informativas; por fim, d) projectos e iniciativas junto de entidades (públicas e privadas) promotoras de parcerias estratégicas para a concretização de objectivos específicos no âmbito dos fins e metas da **CdP**.

(b) (Re)Pensar o papel e prática profissional

Tendo como pano de fundo um panorama pautado por um discurso largamente baseado na necessidade de as pessoas investirem na promoção imediata e activa do desenvolvimento do que se vem designando como *capital humano* – o que, na prática, apenas contribui para que recaia sobre o cidadão comum a responsabilidade de se preparar, de integrar e de se manter num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, impessoal e marcado pela convulsão –, não raras vezes questionei e ponderei, com seriedade, não só o meu papel mas também a minha postura e abordagem perante a dita prática profissional.

A procura compulsória de respostas e de conhecimento resultou quer das inúmeras situações e entraves com os quais me deparei no meu dia-a-dia – constrangimentos, infelizmente, indissociáveis da realidade do trabalho e da sua prática –, quer de todos os momentos em que, porventura, me reportei à natureza clínica do meu percurso académico e profissional.

De facto, sempre que ponderava, no preâmbulo da minha integração no projecto, sobre o percurso até ao momento percorrido e a vastidão ainda por trilhar, não podia deixar de o fazer sem o compreender como assaz desfasado do contexto ao qual, de momento, me via vinculada. Sem dúvida, fruto da perda de referências e de uma sensação de inquietude, perfeitamente natural para uma recém-chegada e novata.

Acredito porém, que foram esses mesmos momentos de dúvida e de incerteza que acicataram em mim uma necessidade de saber, de procura e de questionamento, presente até aos dias de hoje e que, em

parte, me levaram a ingressar no curso *Orientação Vocacional: A exigência de novas práticas*¹.

A finalidade precípua do curso seria, por um lado, facultar as bases teóricas e pragmáticas que me permitissem sustentar a minha prática e, por outro, o responder à minha necessidade de reflexão e circunspeção crítica sobre a minha pessoa e prática, numa lógica de compreensão, questionamento e reflexão conducente, em última instância, à clarificação dos problemas associados à prática e possíveis soluções.

Posto isso, o que é que eu, enquanto formanda, retirei deste curso de formação contínua?

Constatai, ao explorar um pouco a minha trajectória profissional que o que, à partida, considerava um assunto marcante e condicionador da minha validação enquanto profissional/Conselheira da **CdP** – a experiência profissional – é, na verdade, uma fonte única de enriquecimento, de descoberta e de encontro entre passado e presente. As premissas que regem a minha intervenção no decorrer da prestação de serviços mantêm-se uma constante.

A ideia que todos nós, enquanto seres vivos, simultaneamente psicológicos e sociais, possuímos toda uma história e trazemos connosco toda uma vivência, somos condicionados pelas interações experienciadas quer com o meio ambiente quer com os outros, permanece o corolário da minha intervenção. A noção de que a nomenclatura actual desempenha um papel importantíssimo na forma como devo abordar e conduzir, não só o atendimento mas também todas as acções que venha a realizar no exterior, permanece uma constante.

Devido à minha formação profissional e académica, apreendi a importância da perspectiva holística na assistência integral ao utente, o que valida o facto do trabalho, da família, do envolvimento comunitário, da ecologia, do lazer, enfim, do ser, do estar, do saber, do fazer e das suas múltiplas combinações estarem interconectados e serem elementos indissociáveis da pessoa como um todo.

Tal sugere uma certa urgência no apreçar não apenas das minhas crenças e necessidades pessoais, enquanto profissional, mas, impreterivelmente, de todos os que procuram os serviços da **CdP**. Conseqüentemente, reconheci a necessidade premente de uma abordagem renovada ao que faço e ao que se vem fazendo no âmbito da orientação vocacional.

(c) Os utentes

Devido à localização privilegiada das instalações da **CdP**, no coração da cidade do Porto (baixa portuense), o projecto desfruta de uma aproximação ímpar à realidade concelhia (Porto e Grande Porto). O espaço favorece claramente o contacto com as comunidades envolventes, um conhecimento dos seus diferentes modos de vida, especificidades e residentes (famílias, escolas e serviços).

Daqui resulta uma população extremamente abrangente e heterogénea enquadrada numa infinidade de elementos, de cariz etário, étnico, socio-económico, cultural e profissional, e de emaranhamentos que expressam não só possíveis obstáculos, mas também “janelas de oportunidade” (Heckausen & Tomasik, 2002) à intervenção e promoção da mudança.

Desta inter-relação próxima com a comunidade resultou uma interessante sinergia, patente na procura, por parte dos residentes, dos nossos serviços internos ou nos pedidos de deslocação dos nossos recursos humanos e técnicos para o exterior. Muitas das solicitações feitas à **CdP** têm por base a procura de informação e aconselhamento a título pessoal, provenientes de instituições de ensino (público e privado) ou afectas a projectos/comunidades de teor social (em regime aberto ou de internamento), em temáticas tão variadas como são as relativas ao emprego ou à formação, nomeadamente no que se refere às alternativas disponibilizadas pelos sistema ao nível do prosseguimento de estudos pós-9.º ano (superior ou não superior).

Assim, uma parte significativa do trabalho da Conselheira passa pela implementação (permanente e/ou cíclica) de projectos, serviços e eventos em dois grandes campos operacionais: *in loco* (na **CdP**) e no espaço exterior. O escopo destas iniciativas é a promoção do desenvolvimento vocacional e, subsidiariamente, a promoção e integração social do indivíduo num processo que envolve vicariamente o sistema de apoio institucional, familiares e outros membros da comunidade.

(d) Intervenção *in loco*

Reflectindo sobre a minha prática *in loco*, constato que grande parte dos jovens e adolescentes que requisitam os serviços das Conselheiras fazem-no com a crença profundamente enraizada de que, ao

¹ O curso “Orientação Vocacional: A exigência de novas práticas. Como intervir face ao declínio de expectativas dos cidadãos, às novas formas de (des)emprego e exclusão social, à aprendizagem ao longo da vida e ao desinvestimento na educação/formação?” foi, sob a coordenação científica do Prof. Doutor Joaquim Luís Coimbra, promovido pelo Serviço de Educação Contínua da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

optar por uma determinada área ou curso no final do 9º e/ou 12º ano, estarão inevitavelmente a firmar uma espécie de contrato vinculativo que os acompanhará pelo resto da sua vida. Logo, não causa nenhuma estranheza que o primeiro contacto entre o jovem utente e a Conselheira tenha lugar num clima de receio e dúvida.

A pressão do medo de poder estar a tomar a decisão errada, acresce-se uma sensação de incumbência: ter de prosseguir os estudos, ter de ingressar no ensino superior (universitário ou politécnico) e ter de se tornar num cidadão produtivo.

Muitos reagem a este estado de indefinição e convulsão interior procrastinando o processo de resolução da escolha vocacional, na expectativa de que outro, muitas vezes o profissional que se encontra à sua frente, tome para si a iniciativa de resolução ou tomando a decisão de forma puramente aleatória, procurando responder desta forma a uma necessidade intrínseca de alcançar *status* social e financeiro e, assim, corresponder tanto às demandas sedutoras dos *mass media* e da cultura *pop*, como às expectativas dos outros significativos e exemplos da comunidade.

Este estado de aparente letargia ante o percurso vocacional é perceptível não só nos mais jovens mas também nos seus congéneres mais velhos, que, com frequência, revelam uma profunda dificuldade em se reposicionar ou colocar em retrospectiva o seu percurso de vida. O seu, por vezes, longo passado (sobretudo profissional), transportado para um presente de dúvida e questionamento, que os obriga a projectarem-se num futuro nem sempre de fácil "descortinação", comporta à equação todo um conjunto de significações sempre imediatamente acessíveis, que complexificam e dificultam o processo de resolução da(s) escolha(s) vocacional(is). Como é óbvio, algo de similar sucederá com os adolescentes e jovens que também nos procuram, os quais, no entanto, encerrarão em si questões ao tempo diversas, pois apesar de alguma universalidade subjacente a significados e processos há especificidades que, entre outros aspectos, variam consoante as diferentes idades e fases de vida de cada um (cf. Super, 1980).

Com efeito, não é fácil para um adulto avaliar ou (re)avaliar o seu percurso profissional, quer se encontre a (re)formulá-lo ou, melhor dizendo, a (re)construí-lo, seja qual for o motivo que leva a pessoa a ter de o fazer (e.g., vontade de progredir/aprender; imposição patronal; despedimento ou qualquer outra modalidade de ausência de emprego; reforma). Há, por isso, uma resistência por parte destes utentes em questionar e em (re)avaliar o percurso até então percorrido, tanto mais que o processo acarreta a vivência de sentimentos de grande angústia, de vazio interior, uma forte alusão ao tempo perdido e de auto-recriminação face às decisões tomadas no passado. A mudança é perspectivada com dúvida e receio, preferindo escudar-se na "vida" que não lhe permite "agora mudar" ou simplesmente adiando qualquer tipo de tomada de iniciativa.

A desconstrução do discurso do utente (jovem ou adulto) implica por parte da profissional um "jogo de cintura". Entre os primeiros predomina uma visão distorcida e de certa forma desfasada da realidade, resultado de um "mergulhar a fundo" no problema que os impossibilita de, por um lado, distanciarem-se do problema, analisarem a situação e encontrarem possíveis soluções e, por outro, apreciarem a diferença entre o possível e o real. Cabe, portanto, a quem assiste, por falta de melhor expressão, "peneirar" o discurso apresentado e "adoçar a pílula", isto é, devolver uma análise isenta e imparcial da situação actual e contribuir para a definição de prioridades de melhoria, numa atmosfera de envolvimento (Conselheira e utente) e de promoção de autonomia.

Neste sentido, é importante que a Conselheira tenha ancorado em si a noção de que o desenvolvimento vocacional, enquanto dimensão de concretização dos demais domínios do desenvolvimento humano, é indissociável do processo de construção gradual da identidade pessoal e da orientação progressiva de cada um de nós para um projecto de vida em contínua reformulação (Coimbra, 1995). Urge, pois, a adopção de uma visão da intervenção centrada na promoção do desenvolvimento psicológico, numa dinâmica de questionamento e exploração activa, que parta do potencial e história de vida do indivíduo. Pretende-se, desse modo, criar as condições necessárias para que o mesmo possa assumir, em simultâneo, o protagonismo dessa mesma história, bem como a sua posição na sociedade, enquanto cidadão autónomo e ajustado.

Embora não seja uma iniciativa nova, a promoção do contacto directo com um vasto leque de indivíduos e situações representativas da vida adulta e do trabalho tem-se revelado uma estratégia eficaz nesta promoção da consciencialização de possíveis percursos de vida e objecto de crescente procura por parte do nosso público. Iniciativas como o *Mês Temático*, onde cada mês é dedicado a uma área profissional em expansão (e.g., mês da hotelaria e da restauração), em que se fornece informação pertinente e actualizada, num formato dinâmico e interactivo, por recurso a *workshops*, seminários, conferências, painéis de profissionais e outras actividades, têm-se revelado uma mais-valia no processo de exploração.

Efectivamente, a criação destes espaços de interacção com o mundo das profissões e do trabalho permite ao participante não só explorar um vasto leque de possibilidades vocacionais e aproximar-se da realidade envolvente e das necessidades reais do mercado de trabalho, como também desconstruir preconceitos e estereótipos de género e um reposicionamento crítico perante as suas próprias concepções e práticas. Ilação que tanto a minha prática como a literatura vêm suportando (cf. Santos, 2003)

(e) Intervenção no exterior

A intervenção no exterior pressupõe, na maioria dos casos, a deslocação da equipa técnica da CdP a meios socioeconómicos desfavorecidos e problemáticos do Grande Porto. A incompreensão, o desconhecimento e a falta de meios são alguns dos factores que podem ajudar a explicar, mas não a compreender, o porquê dos residentes dos bairros sociais e/ou zonas carenciadas serem, surpreendentemente, os mais carenciados de iniciativas desta natureza.

Apesar dos indícios alarmantes emitidos por estas comunidades "em crise", de insucesso e abandono escolar, factores facilitantes e/ou precipitantes, numa grande percentagem de situações, da exclusão social, rareiam as ofertas de respostas social-educativas ou de intervenções que promovam o apoio e a integração socioprofissional e pessoal dos jovens e por acréscimo, do seu meio comunitário e familiar.

Desde logo, não resulta inesperado que qualquer tipo de parceria ou iniciativa que procure, por um lado, intervir nos principais problemas que assolam a comunidade e, por outro, promover a igualdade de oportunidades e integração das suas crianças e jovens, seja recebida de "braços abertos" pelos seus vários intervenientes.

A escola, enquanto pólo aglutinador da comunidade e entidade estruturante do Saber e do Conhecimento, desempenha um papel fundamental ao facilitar a implantação e implementação das iniciativas CdP. Iniciativas que compreendem a efectivação em contexto escolar de projectos de intervenção, nomeadamente o projecto "*Escolas Conscientes, Escol(h)as Consequentes*" a par de iniciativas isoladas e pontuais. As últimas, requerem uma certa versatilidade e faceta "criativa" por parte das Conselheiras, que procuram responder às expectativas e necessidades quer da instituição promotora quer dos alunos (e.g., através da criação de jogos didácticos).

A CdP tem participado, com alguma frequência, em diversas iniciativas de correspondência com outras escolas, através de acções como as "Palestras Divertidas" (já vai na sua 3.ª edição) promovidas pelo Projecto Pular a Cerca II (Maio de 2008), entre outras. A título ilustrativo, poder-se-á referir que na actual edição das "Palestras Divertidas" foram desenvolvidas, ao longo de uma semana, palestras/actividades dirigidas aos alunos das escolas EB 2,3/5 do Cerco. O objectivo foi o de os motivar para as aprendizagens escolares e divulgar o projecto "Jardins de Fusões", iniciativa delineada com o intuito de preservar e melhorar espaços verdes no Bairro do Porto que dá nome à escola e na qual a última se insere.

A CdP tendo em conta o tema orientador - "Jardins" - dinamizou uma actividade orientada para alunos do 2º ciclo que consistiu num jogo de perguntas-respostas, por equipas, com o objectivo de aproximar os alunos das profissões (e.g., funções, natureza do trabalho, materiais e utensílios) que se relacionavam com o tema geral. A progressão no jogo foi feita em função do lançamento de um "dado-perguntador" e do número de respostas correctas, ilustradas graficamente através de uma planta em crescimento (painel) e de peões, com o formato de objectos associados às "profissões verdes" (e.g., regador, ancinho, entre outros). A recepção foi óptima! Creio, inclusive, que muitos profissionais ficariam agradavelmente surpreendidos com a contribuição, envolvimento e generosidade demonstrada, tanto pelos jovens como pelos adultos, que nos receberam e que, de forma interessada e espontânea, participaram (e vêm participando) nesta e noutras actividades propostas pela CdP.

(f) Projectos de intervenção em contexto escolar

A orientação vocacional não se restringe apenas a auxiliar os estudantes do ensino secundário a optar pelo ensino superior ou pelo ensino pós-secundário não superior, na realidade, traduz-se na promoção do desenvolvimento vocacional do indivíduo ao longo de toda a vida, preparando-o para lidar com as transições que vai enfrentar e a explorar novos rumos profissionais. Importa, de resto, ter presente que em termos do desenvolvimento vocacional dos intervenientes, a "continuidade temporal é uma condição indispensável para a ocorrência de mudanças significativas" (Campos & Coimbra, 1991, p.17). Daí que, do meu ponto de vista, os projectos de intervenção delineados com o intuito de promover em contexto escolar (ensino pré-escolar, básico e secundário) o desenvolvimento vocacional, possam vir a fazer toda a diferença.

Projectos como - "*Cresce e Aparece*", "*Escolas Conscientes, Escol(h)as Consequentes*" e o projecto "*(És)tudo*" são fulcrais para a implementação de uma intervenção coerente, organizada e pertinente no âmbito da orientação vocacional. Apenas mediante a promoção, ao longo das várias faces e fases de vida do indivíduo, de estruturas e processos que conduzam a uma maior complexidade cognitiva, a uma atitude de questionamento e exploração de si e do mundo, poderão os jovens visualizar e cogitar sobre o campo de possíveis e delinear um plano de acção enquadrado na realidade quotidiana (cf. Guichard & Pouyaud, 2008).

"Cresce e Aparece"² (a implementar)

É um projecto de intervenção em infantários e escolas do 1.º ciclo do ensino básico. Os pressupostos que regem este projecto consistem numa primeira aproximação ao mundo das profissões, na exploração de estereótipos sociais e de género e na exploração reflexiva acerca de constructos vocacionais. Consiste, concretamente, numa intervenção precoce, que visa fomentar a exploração vocacional da criança tendo em vista os desafios futuros que, no plano vocacional, a aguardam, nomeadamente no que se refere aos momentos em que o sistema de educação/formação a confronta, explicitamente, com a necessidade de resolução da tarefa da escolha vocacional.

Em consonância com o postulado pelos autores do projecto, esta iniciativa pretende: a) incentivar a descoberta e exploração do mundo das profissões, fomentando uma postura crítica acerca dos estereótipos e preconceitos socialmente veiculados para que estes não limitem as escolhas vocacionais; b) sensibilizar para a necessidade e importância da profissão, da formação, do trabalho e do emprego para a evolução interpessoal e social, estimulando o seu sentido de responsabilidade, respeito e integração social; c) incitar a construir uma ponte entre o simbólico e situações reais, predominantes no seu meio ambiente; d) contribuir para o respeito pela pluralidade e diferenciação de papéis patentes à nomenclatura socio-profissional; e por fim, e) promover o alargamento e diferenciação do leque de interesses vocacionais dos jovens através de uma exploração directa.

"Escolas Conscientes, Escol(h)as Consequentes"³ (a decorrer)

É um projecto de intervenção que, desde o seu início, tem sido bem recebido junto da população estudantil e docente. Dirigida às escolas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, esta iniciativa tem como objectivo último a promoção do desenvolvimento pessoal/vocacional dos alunos por meio da intervenção sobre os seus professores. Assim, a equipa responsável pela concepção do projecto defende que se se reconhece que os professores influenciam os alunos e as suas escolhas, esta influência deve ser preparada e planeada. Nesse sentido, a intervenção decorre com o intuito de preparar os professores para influenciar os alunos de forma sistemática, intencional e apoiada por uma equipa de intervenção com experiência no domínio da orientação vocacional. Procura-se tirar partido da relação professor/aluno, construindo-a/ desenvolvendo-a de forma a que seja não apenas um contexto de progressão académica, mas também uma ferramenta a usar ao serviço do desenvolvimento pessoal do aluno.

Para a equipa responsável pela sua concepção, os objectivos deste projecto passam pelo: a) favorecimento da compreensão das variáveis críticas na estruturação do projecto vocacional; b) promoção da reflexão em torno do papel do professor enquanto agente de desenvolvimento vocacional; c) apoio à organização de práticas de infusão curricular de objectivos de exploração vocacional; d) construção de significado para o papel da escola e dos professores no seu processo de "orientar-se"; e por fim, e) a exploração da relação com o mundo das profissões sob estímulo dos conteúdos específicos de uma matéria curricular.

"(És)tudo"⁴ (a implementar)

Projecto direccionado para jovens do 2º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, que visa promover o desenvolvimento de metodologias/ competências de estudo, fundamentais para a obtenção do sucesso escolar e que serão, a longo prazo, essenciais à integração e manutenção dos jovens no mercado de trabalho, uma vez que são transferíveis aos vários contextos de vida.

Este projecto pretende: a) promover o desenvolvimento de competências que permitam aos jovens ter sucesso na vida escolar (competências de estudo); b) promover o desenvolvimento de competências que sejam úteis à futura integração dos jovens no mercado de trabalho e que sejam transferíveis para os seus vários contextos de vida (competências transversais); c) explorar os significados atribuídos à Escola (expectativas e perspectivas de futuro); d) facilitar a associação entre as competências que o aluno possui e as que este considera serem as esperadas para alcançar o sucesso em determinada disciplina em momentos de avaliação, promovendo, desta forma, o auto-conhecimento; e) promover o desenvolvimento de competências de organização pessoal, de planeamento e de gestão do tempo; f) apoiar na conciliação de papéis de vida; g) facilitar a promoção de aquisições cognitivas básicas para a resolução de

² Projecto da autoria da CdP.

³ Projecto da autoria do Serviço de Consulta Psicológica de Orientação Vocacional da FPCEUP e da CdP.

⁴ Projecto da autoria da CdP.

problemas; h) contribuir para a assimilação e compreensão da informação fornecida pelos professores aos alunos; i) reforçar a motivação e a participação dos alunos nas actividades escolares; j) favorecer a tomada de consciência da existência de diversas estratégias promotoras de sucesso escolar; k) contribuir para uma eficaz gestão da ansiedade; e l) explorar os sentimentos e sensações sentidas aquando os momentos de avaliação.

A par da realização regular de actividades no âmbito da promoção da empregabilidade e do conhecimento sobre o mundo das profissões, estes dois novos projectos de intervenção em contexto escolar, o "Cresce e Aparece" e o "(És)tudo", procuram complementar o já consolidado projecto "Escolas Conscientes, Escol(h)as Consequentes".

Apreciação Pessoal

Tendo em conta que, até há pouco tempo a orientação vocacional era, de um modo redutor, perspectivada como um processo no qual o técnico se limitava a elucidar os jovens sobre a(s) sua(s) tendência(s) no foro vocacional, por recurso à administração de uma "bateria de testes", a implementação deste tipo de projectos surge como uma mais valia, uma resposta aos desafios que se colocam ao profissional de hoje, desafios que não se resumem, apenas, à mera prestação de apoio e aconselhamento, mas sim à necessidade de orientar o utente para a reflexão e a acção ao longo do seu percurso de vida.

Por tudo isto, acredito que os projectos apresentados resultam de um "novo olhar" sobre a orientação vocacional, uma vez que procuram promover o desenvolvimento pessoal e vocacional do indivíduo, desde o ensino pré-escolar ao ensino secundário – ou seja, incentivam e fomentam a desmultiplicação das intervenções, criando, ao longo dos diversos períodos e etapas do desenvolvimento (dentro e fora dos chamados momentos "de crise"), oportunidades propícias à reflexão e ao questionamento dos actuais investimentos vocacionais de crianças, adolescentes e jovens. Mais, isto é conseguido com o recurso a actividades que promovem a exploração e o pensamento sobre as questões vocacionais nas diferentes fases de vida, mediante a interacção dos diferentes intervenientes (aluno, escola e comunidade), dando-se um especial destaque à actuação de todos quantos são susceptíveis de (mais ou menos directamente) impactarem o desenvolvimento vocacional de crianças, adolescentes e jovens com quem interagem (e.g., pais, pares, professores) e que, por isso, são usualmente designados como *outros significativos*.

Conclusão

Em suma, esta formação teve uma contribuição decisiva na fundamentação das bases teóricas e pragmáticas que sustentam a minha prática profissional. A reflexão do meu quotidiano profissional num espaço aberto de troca de ideias, conceitos e experiências evidenciou a necessidade de mudança no âmbito das práticas de orientação vocacional, assim como a preservação na minha prática profissional de uma visão alargada e integrada do utente e do atendimento (da infância a senescência).

Nesse sentido, reiterou, em termos do trabalho de campo, a noção da importância assumida pela desmultiplicação das intervenções, isto é, a importância e a necessidade de, enquanto profissional, continuar a investir na criação e dinamização de projectos/iniciativas vocacionados para os diferentes contextos e identidades (crianças, jovens, adultos e senescentes) enquanto factor-chave para uma orientação vocacional de sucesso e com proveitos futuros. Ajudou igualmente a que me apercebesse da inseparabilidade entre o que é pessoal e o profissional, reforçando concepções e práticas adquiridas aquando da minha formação inicial, em Psicologia Clínica – em suma, o porquê de se falar em consulta psicológica também ao nível das práticas de intervenção em orientação escolar e profissional.

Referências Bibliográficas

- Campos, B.P. & Coimbra, J.L. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Coimbra, J.L. (1995). Os professores e a orientação vocacional. *Noesis*, 35, 26-29.
- Guichard, J. & Pouyaud, J. (2008). *School transition and self-construction in adolescents and emerging adults*. Comunicação apresentada na 2008 International Counseling Psychology Conference "Creating the Future: Counseling Psychologists in a Changing World". Chicago/Illinois, Março.
- Heckausen, J. & Tomasik, M.J. (2002). Get an apprenticeship before school is out: How German adolescents adjust vocational aspirations when getting close to a developmental deadline. *Journal of Vocational Behavior*, 60, 199-219.
- Santos, P.J. (2003). Conhecer as formações secundárias e aprofundar o projecto de orientação vocacional. In M.J. Gama (Coord.), *Módulo inicial – Entrar no ensino secundário: Propostas de actividades para realizar com os alunos* (pp.35-95). Porto: Edições Asa.
- Super, D.E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.